



há um livro de Gustave Roud cujo título, «Ensaio para Um Paraíso», poderia servir de epígrafe a um texto a escrever sobre Lisboa, cujo título fosse «Ensaio para Um Inferno». De facto, a cidade é contraditória, radical nos juízos que provoca, e não pode deixar de funcionar como uma amostra, à escala humana, de todos os círculos que Dante percorre no seu périplo extraterrestre.

Não haverá, como esta, cidade que melhor se preste a que nela se ande a pé, com todos os recantos possíveis para descobrir perspectivas e imagens únicas; e, no entanto, nenhuma cidade como esta se esforça por pôr entaves a quaisquer percursos pedestres, desde as constantes subidas e descidas até à circulação de pessoas e de automóveis a toda a hora do dia. Há, é certo, o domingo; mas o domingo é um dia agreste, com a monotonia e melancolia inevitáveis que se apossam das fachadas, dos jardins, e até dos museus, em

que as salas habitualmente vazias se enchem com pessoas que, manifestamente, estão ali por engano, ou por não disporem de outros lugares para ponto de encontro de conversas cujos conteúdos se adivinha terem a ver com problemas pessoais mais do que com os objectos estéticos que as envolvem, que suscitam quando muito uns olhares distraídos.

É uma cidade em que o melhor e o pior coexistem. Dir-me-ão que isso depende dos pontos de vista, havendo quem considere belo o que para outros é horrível, como as fachadas arruinadas ou certos aspectos da miséria que podem ser vistos como típicos. A moda, que vai pondo a descoberto os corpos, obrigou no entanto a que se alterassem para melhor certos comportamentos. A fealdade, que se podia disfarçar sob a roupa convencional e pudica do Estado Novo, já não resiste ao aligeiramento dos costumes, que obrigaram a que se tenham vindo a alterar hábitos de alimentação e de saúde física num esforço que tem contribuído para que a população, sobretudo a mais jovem, tenha vindo a identificar-se com um padrão de beleza europeia — embora ainda estejamos longe de cidades como Paris — o que não pode deixar de tranquilizar os olhares mais susceptíveis à visão inestética de ventres gordos de reformados sem actividade motora ou de matronas neo-realistas. Admitamos que, à medida que aumentam os espaços ajardinados, as ruas pedonais, os bairros lisos, como devem ser as novas fachadas do Chiado, segundo Siza Vieira, que tem esse gosto afinado pela austeridade nórdica, vão desaparecendo de circulação essas figuras típicas de um passado urbano ligado a jantaras fora de portas, com sopas espessas de batata e legumes e grandes pratos de feijoada — o que não quer dizer que, na pequena burguesia, estes hábitos não teimem em manter-se, embora este comportamento se assemelhe um pouco ao entulho das demolições que espera o camião que o leve para o local de reciclagem, de onde hão-de vir criaturas altas e esguias, comendo produtos sem gordura e muitos iogurtes sem açúcar.

É possível que certas almas sensíveis se sintam atingidas no seu pudor com estas considerações. De facto, compreendo que prefiram a população fisicamente deprimente dos bairros degradados de Alfama ou da Mouraria aos novos habitantes dos prédios e andares renovados desses bairros. Há um instinto de reserva índia, que faz com que certos espíritos bem pensantes queiram construir fronteiras higiénicas em torno de certas bolsas de vida primitiva apenas para conservar gírias, pregões, usos ou comportamentos decididamente condenados pelo progresso. O que essa gente vê, ao visitar a colina do Castelo, não é tanto essas situações aflitivas, do ponto de vista estético, como a felicidade artificial de uma vida de bairro típico consagrada pelo cinema dos anos 40, em que todos os gordos são Vascos Santanas e todas as raparigas Beatrizas Costas, sem conseguirem perceber que a extrema-unção desse mundo já foi há muito dada, a partir do momento em que o folclore perdeu a cotação no mercado europeu com a adopção de um paradigma de cidadania comum.

Nada me escandaliza que haja uma nova Lisboa a ser feita dentro dos parâmetros da arquitectura internacional, desde as Amoreiras ao Centro Cultural de Belém; pelo contrário, é preferível essa opção à que, para manter um carácter que, devo dizer, ignoro em absoluto o que seja quando aplicado a tijolos ou cimento, defende que se erga o prédio português suave dos anos 50 e 60, e que se manteve nesses prolongamentos obscenos que vão da Amadora a Moscavide e Sacavém, constituindo o compromisso com o incarácterístico que abastardou, por muitos e muitos anos, a maneira de viver dos seus habitantes, circunscritos a horizontes de mediania medíocre, com cafés de plástico e igrejas tipo garagem.

Lisboa, pelo contrário, nada tem a ver com isso. É evidente que uma cidade acaba por ser, também, o seu passado; e que, como fantasmas, as criaturas que lhe pertencem ainda deambulam nos subterrâneos de uma exis-

tência condenada, ao mesmo tempo que o novo avança e substitui o seu *habitat* natural. Mas a Lisboa que avança, infelizmente para os conservadores, vai pondo fim a essas situações de excepção, que talvez continuem a subsistir, mas confinadas, como atracções turísticas, em pequenos guetos localizados. Deve dizer-se que não é uma cidade para anacoretas nem mártires. Há um cenário de filme que se vai montando, com alguma lógica, embora nem sempre ela seja visível, para figurantes entre os quais não se contam aqueles que vêm de uma cidade em que ainda havia a vida de bairro, com ruas em que se conhecia toda a gente e em que, nos cafés ou no barbeiro, se comentava a situação política do dia.

Hoje, essas discussões são impessoais e bárbaras, quase todas centradas no futebol e na crise, nascidas de noticiários sem profundidade e de espíritos que perderam as referências. O povo — ou aquilo que, aparentemente, herdou essa designação — vive sobre o presente, sem memória nem passado. É, sem dúvida, uma forma de felicidade que os antigos utopistas não sonharam; e isso explica, também, a quase inconsciência com que se assiste à destruição sistemática da cidade oitocentista, e de fragmentos significativos do que está para trás e não tem a sorte de se situar em zonas históricas, mesmo assim insuficientemente protegidas.

Suponho que o discurso sobre Lisboa acaba por cair nestes lamentos masoquistas por uma espécie de contaminação pela melancolia que caracteriza a cidade, como viu Juan Luis Panero, que a assemelha a Alexandria, embora ele diga que esteticamente a nossa cidade é muito mais formosa. Estas opiniões são sempre consoladoras, sobretudo quando os nativos não reconhecem, habitualmente, a sua justiça. De facto, quem vê Lisboa do ponto de vista do automóvel engarrafado ou da hora de ponta nos autocarros não pode senão desprezar qualquer beleza que lhe apareça pela frente, preferindo não ver nada para avançar em direcção ao fim de dia no apartamento suburbano.

Por vezes, talvez seja melhor conhecer uma cidade sem nunca a ter visto. É o que aconteceu a Thomas Mann, cuja Lisboa tem um museu de Ciências Naturais na Rua da Prata, onde se vêem veados brancos, dinossauros, tatus e, até, uma família de Neandertal. Com ele, passeio no funicular de Lisboa (cabina puxada por cabos, que se usa para vencer grandes declives); e até assisto, no Campo Pequeno, a uma tourada, em cujo público encontro homens de lenços de cor e chapéus de abas largas e mulheres cujos vestidos tinham incrustações de ouro e prata rendilhadas, além de cabelos com o alto penteado espanhol coberto por mantilhas, cujo delírio atinge o rubro no instante em que o toureiro mata o touro.

É evidente que a cidade merece todos os sacrifícios que por ela se façam — até este de nunca lá se ter posto os pés, para melhor a sonhar. Também Baudelaire, como Mann, sobre ela escreveu de longe, acusando os naturais de terem um tão grande ódio às árvores que as arrancavam todas (o que, na realidade actual, se os deixassem, eles até talvez fizessem com todo o gosto...), mas via mármore por toda a parte, para compensar a falta de vegetação. É, apesar de tudo, uma imagem simpática e que não anda longe da realidade, dado que o mito recente da cidade branca deriva dessa qualidade marmórea que, mais do que das edificações, vem da luz.

Julgo que uma solução possível para Lisboa poderia vir de ela deixar de ser capital. Como Veneza, a cidade ver-se-ia abandonada pela população parasitária de funcionários, altos e baixos, com toda a corte que lhes está associada, nela ficando apenas aqueles que só precisam de si próprios para existir. Os largos, que hoje estão cheios de carros, poderiam dar lugar a esplanadas mais amplas e agradáveis do que as actuais; e os edifícios ocupados por ministérios e órgãos governamentais transformar-se-iam em lugares de lazer, no que até nem mudariam muito a sua vocação; e pouco a pouco teríamos um novo Óbidos, que é um excelente exemplo